

OS VÍNCULOS ENTRE IDENTIDADE E BEM EM CHARLES TAYLOR

THE LINKS BETWEEN IDENTITY AND GOOD IN CHARLES TAYLOR

*Odair Camati*¹

Resumo: O presente trabalho visa elucidar os vínculos existentes entre identidade e bem tendo como referência a obra *As fontes do self* do filósofo canadense Charles Taylor. Buscaremos explicitar a importância da moralidade, entendida como vida que vale a pena, na formação identitária do *self*. O *self* no entendimento do filósofo se constitui a partir das relações que estabelece com outros *selves* e com as configurações morais que o cercam. Explicitaremos o que são configurações morais e qual sua importância para a constituição da identidade individual e para a consolidação de valores morais, não perdendo de vista que as avaliações fortes são parte constitutiva desse processo.

Palavras-chave: Identidade. Configurações morais. Bem. Avaliações fortes. Charles Taylor.

Abstract: This study aims to elucidate the links between identity and good with reference to the work's *As fontes do self* of the Canadian philosopher Charles Taylor. Seek to explain the importance of morality, understood as a life worth in the identity formation of the self. The self in the philosopher's understanding is founded upon the relationships established with other selves and the moral settings that surround it. We made explicit what are moral settings and why is it important for the formation of individual identity and the consolidation of moral values, bearing in mind that strong evaluations are a constituent part of this process.

Keywords: Identity. Moral settings. Good. Strong evaluations. Charles Taylor.

1. Introdução

O objetivo do presente trabalho é compreender a partir de Charles Taylor os vínculos existentes entre identidade e bem. Tomamos como obra central de análise *As fontes do self* publicada originalmente em 1989. Além disso, utilizaremos outros argumentos apresentados pelo filósofo canadense em outros textos, como por exemplo, *A ética da autenticidade* e *Argumentos Filosóficos*. Nas obras referidas Taylor busca traçar um panorama da identidade moderna tendo como referência aquilo que chama *idéas forces*. Já no prefácio de *As Fontes do self* são apresentadas as três grandes ideias que influenciaram fortemente a identidade moderna, a saber, a interioridade moderna ou a ideia de que possuímos profundezas interiores, a afirmação da vida cotidiana e a noção expressivista da natureza como fonte moral interior.

¹ Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. E-mail: odcamati@hotmail.com

Taylor se coloca esse desafio buscando rastrear os vínculos existentes entre os sentidos de *self* e as concepções morais, ou como apresentamos no título os vínculos entre identidade e bem. Por isso mesmo que a primeira parte da sua obra direciona-se exclusivamente a compreensão desses vínculos. Dessa forma, nossa análise fica restrita a parte I “A identidade e o bem” a fim de encontrarmos os principais argumentos taylorianos para afirmar a impossibilidade de separação entre o que somos e aquilo que guia nossa vida.

Importante pressuposto² para a nossa discussão é o entendimento tayloriano acerca da moralidade. Boa parte das teorias modernas e contemporâneas da moralidade estão preocupadas em definir um critério de obrigação a fim de determinar o que seja o correto. Dessa forma, em grande medida, ignoram o que seja bom ser, ou o que seria uma vida boa. Para Taylor a moralidade é uma parte constitutiva da nossa existência, devendo se preocupar prioritariamente com o que é bom ser, não com aquilo que simplesmente devemos fazer. O correto surge em decorrência daquilo que somos enquanto *self*, em outros termos, daquilo que valorizamos como sendo o bem em nossa vida.

Nesse sentido, o ser humano somente poderá se compreender se articular suas fontes morais. O que somos enquanto ser humano está fortemente atrelado àquilo que valorizamos, por isso a noção de vida boa ou vida que vale a pena é recorrente na argumentação tayloriana. O bem é aquilo que avaliamos como imprescindível para nossas vidas, fazemos essas avaliações tendo como referência um pano de fundo, ou o que Taylor denomina de configurações.

2. Configurações morais

Constantemente estamos revisitando e revisando nossas concepções morais. Esse processo é possível no entendimento de Taylor porque vivemos no interior de um pano de fundo que pode atribuir sentido às nossas práticas morais. O pano de fundo está por trás das nossas intuições morais e pode torná-las críveis para as pessoas que partilham

² Esse pressuposto é partilhado também por Iris Murdoch, aliás, Taylor é devedor de pensamento de Murdoch. “A ética não deve ser uma mera análise da medíocre conduta comum; deve ser uma hipótese sobre a boa conduta e sobre como ela pode ser alcançada. Como podemos nos tornar melhores é uma questão à qual os filósofos morais devem tentar responder” (MURDOCH, 2013, p. 108). Em outra passagem: “É significativo que a ideia de bondade (e de virtude) tenha sido amplamente substituída na filosofia moral ocidental pela ideia de correção, sustentada talvez por alguma concepção de sinceridade. Isso é, em certa medida, consequência do desaparecimento de um pano de fundo permanente para a atividade humana [...]”. (MURDOCH, 2013, p. 75-76).

de uma determinada sociedade. Ao pano de fundo Taylor denomina também de configuração moral:

O que venho chamando de configuração incorpora um conjunto crucial de distinções qualitativas. Pensar, sentir, julgar no âmbito de tal configuração é funcionar com a sensação de que alguma ação ou modo de vida ou modo de sentir é incomparavelmente superior aos outros que estão mais imediatamente a nosso alcance. (TAYLOR, 2011a, p. 35).

No que segue dessa passagem o filósofo canadense deixa claro que o sentido de superior e inferior pode variar, sendo entendido como mais valioso, mais puro, mais nobre, mais adequado, dependendo do que estiver sendo avaliado. Mas o que poderia determinar o grau de superioridade de uma ação ou de um modo de vida? Esse papel é desempenhado em nossas vidas pelas avaliações fortes.

A “avaliação forte” é capaz de intuir o certo e o errado, o melhor e o pior, as coisas mais elevadas e as inferiores, validadas por nossos desejos e escolhas. Existem concomitantemente às nossas escolhas e, podem oferecer padrões para as próprias escolhas. Abbey dedica ao menos nove páginas para comentar a avaliação forte ou *strong evaluation* e afirma:

O termo avaliação forte captura a crença de Taylor de que os indivíduos classificam alguns de seus desejos, ou bens que desejam, como qualitativamente superiores ou mais dignos que outros. O termo se refere, portanto, a distinção de valor que os indivíduos fazem em relação aos seus desejos ou aos objetos de seus desejos. Um dos vínculos da avaliação forte é que, embora haja sempre vários bens chamando atenção na vida de uma pessoa, nem todos aparecem com a mesma clareza. Alguns são reconhecidos como inerentemente mais dignos, mais valiosos, mais significativos ou mais importantes que outros. Como isso sugere, a concepção de Taylor de avaliação forte é inerentemente contrastiva e hierárquica. Envolve emoções, desejos ou juízos que poderiam ser desenhados em um eixo vertical: como avaliadores fortes, os seres humanos são movidos por um sentimento do que é maior ou menor, nobre ou vil, melhor ou pior, digno ou mesquinho, corajoso ou covarde, e assim por diante. (ABBEY, 2000, p. 17).³

São as avaliações fortes baseadas nas configurações morais que podem nos garantir que estamos escolhendo por uma forma de vida que vale a pena. Os bens que

³ Tradução livre. Desse momento em diante sempre que nos referirmos a essa obra o faremos a partir de traduções livres. Cf. ABBEY, R. *Charles Taylor*. Princeton University Press, 2000.

avaliamos como importantes funcionam também como padrões de análise para as nossas ações. É por isso que as avaliações fortes precisam da inserção em configurações morais que nos dotem da capacidade de julgamento. Taylor fala na citação que acima mencionamos em distinções qualitativas, pois alguns elementos da nossa vida são superiores aos outros.

As avaliações fortes desenvolvidas no interior de um horizonte de significado são a garantia apresentada por Taylor de que nem tudo pode ser aceito como valioso. Por exemplo, no interior da ética da honra, especialmente na Grécia Antiga, valorizava-se um rol expressivo de qualidades, notadamente aquelas destinadas à vida pública. Nessa configuração era reconhecido quem tivesse uma atuação pública destacada, assim, ser um guerreiro e arriscar a vida em nome da nação era motivo de glória e fama. Por outro lado, aquele que dedicasse sua vida às práticas corriqueiras da vida era desmerecido.

Se transpusessemos nossa análise para o início da modernidade, precisamente logo após a Reforma Protestante, veremos que há uma inversão na valoração. Com a afirmação da vida cotidiana, passa-se a valorizar as tarefas de produção e de reprodução da vida ordinária, como casar e ter filhos. Percebe-se dessa forma que em duas configurações morais diferentes são valorizadas qualidades opostas. A tarefa do *self* é avaliar o que é mais valioso de acordo com as configurações morais apresentadas.

Articular uma configuração moral significa explicitar o que confere sentido às nossas respostas morais, buscar os pressupostos sobre os quais nos baseamos ao afirmarmos que tal coisa é melhor do que outra, que determinada forma de viver é mais plena de significado do que outra. Estamos situados no interior de uma vivência comunitária que dá significado às nossas escolhas. É o que afirma Araujo:

Com efeito, Taylor quer apontar para a necessidade de compreendermos as nossas ações como não estruturadas meramente em processos racionais atomizados. O *self* se constrói baseado em uma configuração moral em que o indivíduo pode articular significativamente o que ele considera ser uma vida digna. O que está em questão na mudança de perspectiva teórica que Taylor introduz na moral contemporânea é a sua ideia de incorporar nas articulações significativas dos sentimentos dos indivíduos as práticas políticas, históricas, sociais, religiosas e culturais em que eles estão situados e envolvidos. A preocupação de Taylor é demonstrar que o indivíduo está situado em uma vivência comunitária que fornece os elementos significativos para a construção do seu *self*. (ARAUJO, 2004, p. 140-141).

A comunidade é o horizonte no qual o indivíduo pode formar sua identidade, pois é na comunidade que encontramos as bases para agir bem, além do que é bom ser. É a partir das configurações comunitárias que cada indivíduo vai moldando sua maneira de ser. Segundo Taylor, é praticamente impossível viver sem configurações morais que dotem nossas ações de sentido. Assim, ele rechaça a tese naturalista de que as configurações morais são apenas fatos psicológicos que desaparecerão na medida em que evoluirmos.

Desejo defender a tese de que é praticamente impossível à pessoa humana prescindir das configurações; em outras palavras, que os horizontes no seio dos quais levamos nossa vida e a compreendemos têm de incluir essas discriminações qualitativas fortes. Em acréscimo, não se pretende dar a isso o mero sentido de um fato psicológico contingentemente verdadeiro acerca dos seres humanos, algo que talvez pudesse um dia não se aplicar a um indivíduo excepcional ou um novo tipo de ser humano, algum super-homem da objetificação desprendida. O que afirmo é que viver no âmbito desses horizontes fortemente qualificados é algo constitutivo do agir humano, que sair desses limites equivaleria a sair daquilo que reconheceríamos como a pessoa humana integral, isto é, intacta. (TAYLOR, 2011a, p. 43).

A tese tayloriana é forte na medida em que afirma que uma pessoa humana integral vive no interior de configurações morais atribuidoras de sentido. Não podemos perder de vista o pressuposto apresentado na introdução do presente trabalho, a saber, a teoria de Taylor está preocupada com aquilo que é bom ser, ou com uma vida que valha a pena. Nesse sentido, é razoavelmente aceitável que enquanto seres humanos necessitamos atribuir sentido às nossas práticas, sejam elas morais ou não, para tal são importantes os horizontes de sentido ou as configurações morais.

Poderíamos perguntar pela objetividade desse processo, ou se a teoria de Taylor não estaria abrindo espaço para a relatividade moral. Pretendemos demonstrar que existe objetividade no pensamento de Taylor, tendo com referência um realismo falseável nos termos de Abbey⁴. A objetividade tayloriana é alcançada pela investigação de nossas experiências morais e pela ontologia moral expressa nessas experiências.

O primeiro domínio da objetividade pretende verificar a realidade de nosso domínio moral, pois é fato que nos movemos moralmente no mundo através de nossas deliberações, obrigações e também na busca por autorrealização. Já a ontologia moral

⁴ “O realismo de Taylor simplesmente descreve as percepções que os indivíduos possuem que os bens que valorizam existem independentes deles; sua sensação de que estão respondendo a algo a algo inteiramente digno nesses bens, quando os afirmam”. (ABBEY, 2000, p. 27).

tem como objetivo analisar nossas experiências morais a partir das configurações morais. Tendo em vista que as configurações morais são partilháveis não podemos subjetiva e individualmente determinarmos o bem, pois:

Que melhor medida da realidade dispomos nos assuntos humanos do que os termos que, submetidos à reflexão crítica e depois da correção de erros que pudermos detectar, oferecem o melhor sentido de nossa vida? (TAYLOR, 2011a, p. 82).

Os bens constitutivos, importantes para nossa experiência moral, não são decorrentes da escolha individual de um *self*, contudo, não podem ser desprendidos da experiência do *self*. Os bens para Taylor são co-constituídos com nossas práticas, eles não existem independentes de nós, mas também não são meras projeções sobre um mundo neutro. São co-constituídos pelas nossas práticas com o mundo e entre nós mesmos. Portanto, eles existem e tem valor de verdade já que podemos afirmá-los como existentes.

Para explicitar essa relação devemos utilizar o princípio da melhor descrição (MD) no intuito de clarificar a situação ou fato a ser analisado. Para Taylor o MD tem de descrever o que é viver no universo como ser humano, fornecendo elementos valorativos que nos permitam avaliar o mundo humano. Essas avaliações não são possíveis em termos físicos ou puramente técnicos, devem levar em conta as diferentes valorações desenvolvidas por seres humanos. A objetividade é alcançada, no entendimento de Taylor, através da melhor descrição que pudermos apresentar das propriedades, entidades ou características envolvidas no que precisa ser analisado.

O princípio da melhor descrição pode fornecer com base em reflexões, discussões, argumentações, desafios e exames qual o vocabulário mais realista e perceptivo das coisas em análise. Todo esse exame é parte integrante do raciocínio prático. Para Taylor, o raciocínio prático “visa estabelecer não que alguma posição seja absolutamente correta, mas que alguma posição é superior a outra” (TAYLOR, 2011a, p. 101). Existem raciocínios práticos baseados em boas descrições que reduzem erros e que, portanto, são mais adequados. Nada impede que surjam novas descrições mais adequadas, já que o critério de análise é a redução de erros.

Poderíamos questionar em que termos seria possível analisar objetivamente culturas ou formas de vida com configurações morais distintas. Taylor não é um relativista, pois não afirma que todos os valores deveriam ser aceitos, mas por outro

lado também não está em busca de critérios universais vazios. Novamente entra em cena o princípio da melhor descrição como fundamental para a compreensão mútua. É necessário que cada cultura articule suas configurações morais e as tornem compreensíveis para as outras culturas. Não há um resultado final predeterminado nesse processo, é o próprio acontecer que nos trará um resultado⁵. Em outra obra⁶ Taylor propõe a fusão de horizontes como ponto de partida para a compreensão de culturas ou formas de vida distintas. O pressuposto é que, antes de qualquer julgamento, é preciso compreender a forma de vida do outro.

3. Configurações morais e identidade

Na seção precedente buscamos apresentar em que constitui uma configuração e sua importância crucial para nossas vivências. Nesse momento, queremos demonstrar a importância que as configurações morais possuem sobre a nossa identidade, demonstrando também qual o papel que a identidade desempenha na constituição da moralidade. Trataremos mais explicitamente dos vínculos entre identidade e bem (moralidade).

As configurações morais são parte fundamental na constituição da nossa identidade. A tese tayloriana é de que a identidade é definida a partir daquilo que tem importância, daquilo que é valioso, dentro de um horizonte no qual a pessoa pode tomar uma posição. Quando nos reportamos ao tema da identidade necessariamente precisamos tratar da questão “quem sou eu?”. A resposta não pode se alcançada simplesmente a partir do nome, da genealogia ou do que realizamos em nossa vida.

Para Taylor a questão “quem sou eu?” é respondida com base naquilo que tem “importância crucial para nós”. É preciso, pois, compreender em que posição me coloco diante do horizonte de significado que está diante de mim.

Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou o horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho. Em outros termos,

⁵ Taylor trata dessa temática na obra *La libertad de los modernos* (p.302), onde afirma que a vida ética acontece entre a unidade e a diversidade, dessa forma, não podemos eliminar a diversidade de bens, mas buscar oferecer a melhor descrição possível a fim de que tais bens sejam entendidos como valiosos a partir das configurações morais existentes. Cf. TAYLOR, 2005, p. 302.

⁶ Para aprofundar essa discussão cf. TAYLOR, C. *Argumentos filosóficos*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

trata-se do horizonte dentro do qual sou capaz de tomar uma posição. (TAYLOR, 2011a, p. 44).

A identidade está intimamente atrelada àquilo que existe diante do *self*, por isso a importância das configurações morais sobre quem somos. Nossa identidade pode estar atrelada a um compromisso espiritual como participar de uma religião, ou a um compromisso político como defender uma causa partidária ou ainda a uma cultura específica a qual vivenciamos. Portanto, nossa identidade é formada pelos compromissos que assumimos, pelos contextos que nos rodeiam e pelo que valorizamos. Não há um único elemento definidor, são as redes de relações que constituímos que formam nossa identidade.

Dentro dessa linha argumentativa Taylor afirma que uma crise de identidade é uma crise de orientação no espaço moral, ou uma incerteza sobre que lugar o *self* ocupa nesse espaço. Nesse momento o *self* não consegue atribuir sentido às suas ações no mundo, pois perdeu em alguma medida, os elementos atribuidores de sentido. Esse momento exige uma análise e uma articulação mais cuidadosa das configurações morais no intuito de encontrar os elementos significativos, ou de redescobrir o bem.

Há um vínculo entre identidade e orientação, entre aquilo que sou e aquilo que é importante para mim. A definição do que é importante para o *self* não é alcançada exclusivamente pela vontade individual do sujeito, mas por aquilo que é articulado a partir das configurações morais. O *self* tem espaço privilegiado nesse processo, pois a pergunta “quem?” somente é dirigida para quem efetiva ou potencialmente pode responder em primeira pessoa. É ao *self* munido de avaliações fortes que cabe a função de expressar uma identidade particular.

Isso nos remete a discussão tayloriana acerca do conceito de autenticidade. Há um modo de ser que é peculiar a cada um e a tarefa de expressar esse modo original de ser cabe a cada indivíduo. Somos convidados a viver da nossa maneira, conseqüentemente não imitando o modo de agir de outrem. Por isso o *self* precisa ser sincero consigo mesmo para poder viver de acordo com a maneira que lhe é particular. Para que o indivíduo se mantenha fiel à sua maneira de ser, ele não pode perder o contato autêntico consigo mesmo, não pode ceder às demandas ou pressões externas que o forcem a se tornar repetidor de comportamentos. Além disso, não pode assumir uma postura instrumental consigo mesmo, ou seja, tornar-se objeto de si mesmo, do contrário

perde o contato com sua voz interior. Toma forma um poderoso ideal moral, como afirma Taylor:

Ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir. Ao articular isso eu também me defino. Estou realizando uma potencialidade que é propriamente minha. Essa é a compreensão por trás do ideal moderno de autenticidade e dos objetivos de autorrealização e autossatisfação nos quais são usualmente expressos. Esse é o pano de fundo que confere força moral à cultura da autenticidade, incluindo suas formas mais degradadas, absurdas ou triviais. É o que dá sentido à ideia de ‘fazer suas próprias coisas’ ou ‘encontrar sua própria realização’.

(TAYLOR, 2011b, p. 39).

Parece-nos, à primeira vista, que o ideal de autenticidade nos levaria a um subjetivismo sem precedentes, o que não é verdade. Encontrar uma maneira original de ser somente é possível a partir de um horizonte de significados ou o que chamamos também de configurações morais. Defino-me a partir daquilo que me é importante, mas não posso definir isoladamente o que é importante, preciso de contextos de significado e mais do que isso preciso de interlocutores capazes de compreender o que estou afirmando.

O *self* é dialógico⁷, formamos nossa identidade no diálogo⁸ com os outros, especialmente aqueles que nos são mais importantes e estão mais próximos. São as configurações morais que permitem que o diálogo entre *selves* tenha sentido e possa ser enriquecedor para ambos. Essa argumentação deixa claro que o processo de construção identitária e a consequente expressão autêntica de um *self* não pode ser uma expressão puramente subjetivista, são necessárias configurações morais e diálogo com outros *selves*.

Taylor nos lembra ainda que nada disso seria possível sem a linguagem. Para o filósofo canadense, só nos tornamos agentes humanos plenos quando “capazes de nos compreender a nós mesmos e, por conseguinte, de definir nossa identidade, mediante a aquisição de ricas linguagens humanas de expressão.” (TAYLOR, 2000, p. 246). Taylor esclarece que toma a linguagem em sentido amplo, ou seja, inclui a arte, o gesto e outras

⁷ É inegável o débito que Taylor tem com Mead nessa argumentação. Cf. MEAD, 2004.

⁸ Carlos Ruiz Schneider atribui importância crucial ao elemento dialógico do *self* proposto por Taylor: “A questão da identidade é centralmente uma interrogação que se formula em um espaço de perguntas que supõem uma linguagem, a relação e a interlocução com os outros.” (SCHNEIDER, 2013, p. 234). Esse elemento aparece também na obra de Ribeiro, porém com um elemento novo, a saber, os “outros significativos”, aqueles que nos são mais próximos e mais importantes para a nossa formação identitária, como por exemplo, nossos pais. (RIBEIRO, 2012, p. 136).

formas de linguagem. Não há outro modo de adquirir essas linguagens ricas a não ser no intercâmbio com os outros, desde os mais próximos até com o todo da sociedade.

Estamos analisando os elementos importantes para a constituição de um *self* ou de uma identidade. Discorremos sobre a relação entre identidade e configurações morais e como isso requer constantes avaliações fortes, tratamos também do aspecto diálogo da identidade desenvolvido pela linguagem. Falta-nos ainda um elemento importante para a formação identitária, a saber, a capacidade que possuímos de auto interpretar-nos escrevendo uma narrativa da nossa existência.

A fim de encontrar o sentido de quem somos, Taylor afirma, precisamos saber de onde viemos e para onde pretendemos ir. Isso requer uma reconstrução narrativa de quem somos e o que nos trouxe até o momento presente. A narrativa permite que melhor compreendamos o que é importante para nossa existência, quais as configurações morais que fornecem sentido às nossas práticas e quais pessoas nos são valiosas enquanto ricos interlocutores. A narrativa oferece a possibilidade para que o *self* interprete a si mesmo tendo como referência o horizonte de significado a que pertence e, além disso, aos outros *selves* ao seu redor.

Todos esses elementos caros ao *self* existem na medida em que houver uma orientação para o bem. Bem nesse contexto é entendido como algo que seja valioso, digno e admirável por parte do *self*, construído a partir de avaliações fortes no interior de configurações morais. O bem, nesse entendimento, torna-se fonte moral, pois nos capacita para sermos bons e agirmos bem. Agir bem, nesse sentido, é decorrência direta de sermos bons, não de um critério moral como querem utilitaristas e kantianos.

Todos convivemos com inúmeros bens em nossa existência, mas sentimos no entendimento de Taylor, a necessidade de classificar hierarquicamente tais bens. Existem hiperbens, “bens que não apenas são incomparavelmente mais importantes que os outros como proporcionam uma perspectiva a partir da qual esses outros devem ser pesados, julgados e decididos” (TAYLOR, 2011a, p. 90). Alguns bens são mais importantes para nossa identidade e se configuram como parâmetros de decisão diante de outros bens e de toda nossa existência. A orientação para o bem influencia fortemente a identidade, assim, a compreensão da identidade de alguém passa muito pelos bens que valoriza em sua vida, nunca perdendo de vista que tudo isso acontece no interior de configurações morais.

Portanto, as configurações morais ocupam papel importante na formação identitária ao fornecerem os elementos que servem como parâmetro de análise para o

self. Isso não significa que sejam estáticos e imutáveis, eles podem ser rearticulados e transformados pelo próprio *self*. Esse processo requer novas articulações e novas descrições da realidade que nos cerca. É o princípio da melhor descrição (MD) que pode nos garantir que estamos tratando de elementos objetivos, mas principalmente significativos para os *selves*.

4. Considerações finais

Estivemos traçando um paralelo, a partir de Taylor, entre o que somos e aquilo que valorizamos como sendo o bem em nossa vida. O bem é aquilo que valorizamos, que temos como valioso e que conseqüentemente atribui sentido às nossas práticas. A moral no entendimento do filósofo canadense tem que dar conta do que é bom ser, não apenas do que devemos fazer. Entender a moralidade dessa forma é colocá-la como parte fundamental da constituição do *self*. A busca, nesse sentido, é por uma vida plena de sentido que nos leve a sermos bons e praticarmos boas ações.

Percebe-se uma clara contraposição às teorias universalistas, naturalistas e utilitaristas da moral. Entender o fenômeno moral é entender o que tem importância para o ser humano, não apenas em bases naturais, nem em bases apenas sensoriais e muito menos em bases puramente universalistas. Os valores morais existem na medida em que deles podemos falar objetivamente, mas o seu valor é atribuído pelo ser humano através das avaliações fortes, sempre no interior de configurações morais.

O *self* tayloriano é profundamente influenciado pela moralidade, entendida como vida que vale a pena. Além disso, são elementos construtivos do *self*: a capacidade dialógica, a capacidade de narrar a própria existência, a linguagem enquanto constituição comunitária, a capacidade de auto interpretar-se e por fim a capacidade de ser guiado, ou estar em busca do bem. Na expressão de Murdoch somos peregrinos em direção ao bem, não estamos sozinhos nessa busca, pois existimos em um horizonte de significados onde nos co-constituímos uns aos outros.

Referências

- ABBEY, R. *Charles Taylor*. Princeton University Press, 2000.
ARAÚJO, P. R. M. de. *Charles Taylor por uma ética do reconhecimento*. São Paulo: edições Loyola, 2004.
MEAD, G. H. *Mind, self and Society: from the Standpoint of a social Behaviourist*. Chicago, 1962.

- MURDOCH, I. *A soberania do Bem*. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- RIBEIRO, E. V. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- SCHNEIDER, C. R. Modernidad e identidad em Charles Taylor. In: *Revista de Filosofia*, vol. 69, 2013, p. 227-243.
- TAYLOR, C. *As fontes do self - a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. 3º ed. São Paulo: edições Loyola, 2011a.
- _____. *A ética da autenticidade*. Trad. Talyta Carvalho. São Paulo: É realizações, 2011b.
- _____. *Argumentos filosóficos*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo; Edições Loyola, 2000.
- _____. *La libertad de los modernos*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.